

## Os "novos Deuses"

Enquanto um mundo abalado se encontra, num calefrio de horror, perplexo em face da miséria que, segundo uma lei misteriosa, cresce cada vez mais ameaçadora, mais paralisante e mais sinistra, fomentada pelo progresso da técnica e da riqueza; enquanto os economistas projetam sistemas após sistemas para evitar a catástrofe que se aproxima; enquanto os utopistas fantasiam suas colônias de harmonia, e filantropos se esforçam por minorar a miséria, e associações operárias lutam pelo direito ao trabalho e à existência bem como por salários mais elevados; enquanto assim a humanidade, que vive na angústia e no tormento, se esforça por levantar uma barreira contra a desgraça oriunda da máquina que a está castigando e por salvar o mundo duma ruína completa — Karl Marx viaja incansável duma cidade para outra. Em Paris, Londres, Bruxelas, Colônia ou Viena, por toda parte onde homens consternados e inquietos se reúnem para conspirar, comparece entre eles como peregrino sem pátria. Com uma fogsidade sinistramente fria, com uma voluptuosidade acesa no próprio terror por ele causado, usando de uma linguagem na qual o horror se alia ao triunfo, e onde os quadros e visões da desgraça alternam com as mensagens de salvação, ele proclama a grande nova de que justamente essa miséria na qual a industrialização há precipitado a humanidade é que é o sinal precursor da próxima e verdadeira salvação. A máquina, que fincou uma lança na carne viva da humanidade, rasgando no seu corpo uma ferida cujas bordas estão perpétuamente hiantes, que dividiu o mundo e lhe trouxe a miséria, é ela justamente que vai salvar a humanidade. Os sofrimentos por ela ocasionados são necessários, para que a raça humana, numa revolução tremenda, alcance seu último destino paradisíaco.

Em meio da angústia que aflige um mundo de miséria indizível, de homens, mulheres e crianças famintas, cruelmente martirizadas, esse homem promete, rejubilando, a iminência de horrores ainda maiores. Sua visão profética se lhe revelara já, quando estudante, passava as

noites curvado até a madrugada sobre livros, excertos e manuscritos, ou quando, aos dezoito anos, desgostoso consigo mesmo, vagava sem destino pelas ruas, dividido entre as torturas do desalento e os êxtases do seu ideal.

Nessa época, conhecera na universidade de Berlim a doutrina de Hegel e essa filosofia retine a seus ouvidos como uma "grotesca música de recifes" que perturba o sossêgo de seu quarto de estudo. "A oposição é o princípio de todo movimento e de toda vida" proclamara Hegel. "Sòmente na medida em que alguma coisa encerra em si uma contradição é que se move e tem impulso e atividade". Exatamente do mesmo modo que o pensamento lógico progride da tese e da antítese para a síntese, cada situação histórica encontra nos elementos contrários em si contidos seu princípio de progressão. Só mercê do conflito entre êsses antagonismos é que se torna possível um processo ulterior de evolução, e que o mundo pode alcançar um superior estado de desenvolvimento.

Abalado até o fundo da alma, Marx, sem tardança, tenta escapar a essa "música de recifes" que, no princípio com tanta força o atraíra. Arraigado no concreto por natureza, não consegue suportar a idéia irreal dum "espírito universal" absoluto, que "se pensa a si mesmo", de cujas teses e antíteses provém todo o ser e que "se desenvolve de tal modo, que a humanidade não é senão uma massa que lhe serve de apôio, mais ou menos conciente ou inconcientemente". Em Marx, um poderoso sentimento se rebela contra essa filosofia que, "dentro da história empírica esotérica" faz com que a esta sobrepuje uma "história especulativa esotérica" e transforma assim a história da humanidade "na história do seu espírito abstrato e por conseguinte do seu espírito de além, em relação ao homem real".

No fim do semestre, Marx escreve a seu pai a respeito da perturbação torturante, do ardor desvairado em que o há precipitado sua luta com a dialética hegeliana: "Uma cortina havia tombado, meu santuário era despedaçado e se tornava imprescindível colocar lá novos Deuses". Ele conta como tem vagado, como um louco, "pelo parque, margeando as águas sujas da Spree". Tem vontade de abraçar "cada mariola" que encontra. Sente-se acorrentado à "atual filosofia universal", à qual pensou escapar. Ainda uma vez, quer ele "mergulhar no mar" levado por uma última esperança vã de "descobrir que a natureza espiritual é tão necessariamente concreta e fundamentada quanto a material".

Onde deve ser procurado êsse elemento concreto, que tem de se encontrar atrás de todo conhecimento para que êste seja uma verdade, o joven Marx sòmente o aprenderá de Luiz Feuerbach, que tinha renegado as teorias de Hegel. E' Feuerbach que quer desmascarar o "espírito absoluto" de Hegel como sendo um fantasma metafísico, o "espírito morto da teologia", e quer acabar com "a dialética dos con-